

***Blends* Lexicais – entre as margens e a tradição: um olhar sobre a Morfologia Não-Concatenativa da Língua Portuguesa**

João Felipe Barbosa Borges*

Marina Camila Santana de Lelis**

RESUMO: Neste artigo, analisa-se o fenômeno do *blend* lexical à luz de dois pressupostos teóricos: a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994) e a Teoria da Correspondência (McCARTHY & PRINCE, 1995; BENUA, 1995). A partir de arquivos coletados no site do programa humorístico Casseta & Planeta, pretende-se elucidar os *blends* no intuito de realizar uma descrição dessa contraparte não-concatenativa da Morfologia Portuguesa e argumentar em favor de seu reconhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: *Blend* lexical; Processo de formação de palavras; Teoria da Correspondência; Teoria dos Espaços Mentais.

1. Introdução

Postula-se que os objetivos de qualquer Gramática de uma dada língua natural se baseiam, fundamentalmente, na descrição de formas lingüísticas e na relação de tais formas com o significado a elas vinculado. Todavia, no que diz respeito ao surgimento de novos vocábulos – muito recorrente na Língua Portuguesa –, a Gramática Tradicional se detém apenas em dois processos de formação de palavras: a composição e a derivação. Os demais processos, quando citados, são explicados resumidamente, como em Bechara (2006), que apresenta a formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão, intensificação e combinação, e em Nicola (2005), que cita ainda a onomatopéia também como um processo de formação de palavras.

Apesar de na língua portuguesa haver certa predominância de fenômenos aglutinantes na ampliação de seu vocabulário, há também fenômenos não-concatenativos que geram novas palavras. Neste artigo, apresentamos como problema central um estudo sobre um desses fenômenos, nomeadamente, o *blend* lexical (também chamado de mesclagem ou cruzamento vocabular), que consiste, em linhas gerais, em um processo de formação que se utiliza de duas bases para formar uma nova palavra, e cujo significado se difere do das bases aproveitadas.

* Graduando em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa – pela Universidade Federal de Viçosa.

** Graduanda em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa – pela Universidade Federal de Viçosa.

Processos como este, marcados pela não-linearidade, são considerados marginais e “interpretados como irregulares pela maior parte dos estudiosos que lhes dedicaram alguma atenção” (GONÇALVES, 2006: 1), não se incluindo, portanto, nos processos descritos pela Gramática Tradicional. A inserção desse fenômeno na construção de uma nova gramática da língua torna-se evidente em virtude de sua recorrência em variadas situações de interação lingüística. Basta atentarmos para palavras como “sacolé” (formada de ‘saco’ + ‘picolé’), chafê (chá + café), matel (mato + motel), pão (pai + mãe), entre outras. Além disso, como destaca Gonçalves (2006), a mesclagem não só opera na formação de novas unidades lexicais, como apresenta acentuada função discursiva, agindo na caracterização e/ou rotulação de seres, eventos ou estados.

Esta, aliás, é uma das razões pela qual o *blend* apresenta-se de forma ainda mais freqüente no discurso humorístico, aproveitando-se do novo sentido atribuído à palavra para provocar humor. Sendo assim, com o intuito de argumentar em favor do reconhecimento do *blend* lexical como um novo caso de formação de palavras, diferente dos processos de composição e/ou derivação, delimitamos como campo de aplicação deste estudo, construções retiradas dos arquivos do programa “Casseta & Planeta”, exibido pela Rede Globo de Televisão, no período de janeiro de 2007 a junho de 2008. A partir destes arquivos, disponibilizados nos blogs *Blog dos Cassetas*¹ e *Por trás do Casseta*², analisamos as formações ocasionadas por cruzamentos lexicais, que, manipuladas pelo programa, expressam criticidade sobre pensamentos políticos, sociais e culturais.

Essas formações ganham relevância quando analisadas sob o prisma da Morfologia Prosódica (McCARTHY, 1981), e tornam-se interesse focal se elucidadas a partir de dois pressupostos teóricos, os quais tomaremos como base para nosso estudo: a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994) e a Teoria da Correspondência (McCARTHY & PRINCE, 1995; BENUA, 1995) – estudada segundo a perspectiva de Gonçalves (2003, 2006). Para a abordagem do fenômeno de cruzamento lexical, lançaremos mão, ainda, das reflexões propostas por Perini (2002) e Basílio (2003), de modo que estas nos possibilitam compreender em que medida se estruturam as relações entre forma, significado e contexto situacional.

¹ Disponível em: <http://tvglobocassetaeplaneta.globo.com/blogdoscassetas/>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2009.

² Disponível em: <http://tvglobocassetaeplaneta.globo.com/portrasdocasseta/>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2009.

Tendo por base essas premissas, não seria, então, de suma importância estudar tais processos e incluí-los na Gramática, uma vez que fazem parte do léxico de uma comunidade? Não se trata apenas de um estudo estrutural, como é feito com os processos de construções de palavras consagrados pela GT, mas também de uma análise semântica e pragmática. Ou seja, como ocorrem os cruzamentos lexicais e em que medida eles afetam a formação de um pensamento? Não há dúvida de que a introdução dessas matrizes para caracterizar as propriedades estruturais e/ou conceptuais dos processos de formação de palavras representam uma complicação face ao sistema tradicional de classificação. Entretanto, isso não é objeção válida diante da já conhecida impossibilidade dos estudos tradicionais de abarcarem fatos não-lineares da língua. Decerto, o estudo sobre o *blend* lexical a que nós nos propomos não resolverá esse problema, mas acreditamos que as colocações aqui feitas contribuirão para dar uma direção a pesquisas que focalizem a Morfologia Não-Concatenativa da Língua Portuguesa, fazendo, como endossa Perini (2002:84), “justiça a toda a complicação e riqueza” de nossa língua.

2. O processo de *blend* lexical no discurso humorístico

O esforço principal das diferentes gramáticas da língua consiste, naquilo que têm de descritivo, em relacionar formas lingüísticas a seus respectivos significados, ou seja, pode-se dizer que uma dada língua natural serve para transmitir um conteúdo, ativado e retomado por fatores formais e extralingüísticos. A GT incorre justamente no erro de considerar essas relações entre forma e significado, desvinculadas do caráter complexo que a elas subjaz. Como defende Perini (2002: 22-23),

É algo como acreditar que para cada forma sintática ou morfológica existe um significado básico e só um (ou uns poucos), de maneira que a explicitação da relação forma-sentido seria na essência uma questão de justaposição [...].

Processo semelhante ocorre com os *blends* lexicais. Palavras como *Reiberto Carlos*, por exemplo, são interpretadas como a simples justaposição de “Rei” + “Roberto Carlos”, sendo ignorado o novo sentido atribuído a esta construção lexical. Muitas vezes, essas construções são erroneamente interpretadas como palavras formadas a partir do processo de composição, como salienta Basílio (2003). Vejamos, então, as definições de composição segundo o sistema lingüístico tradicional. Para Nicola (2005) e Bechara (2006) – como para tantos outros gramáticos –, esse processo é definido da seguinte forma:

- (1) ocorre sempre que uma palavra é formada pela junção de dois ou mais radicais;

(2) quando os radicais que formam a nova palavra não sofrem modificações em sua junção, temos um caso de composição por justaposição. Por exemplo, na união dos radicais **passa e tempo**, obtém-se **passatempo**; assim como em **quinta-feira e fim de semana**;

(3) quando, na união, pelo menos um dos radicais sofre alteração em sua estrutura, temos um caso de composição por aglutinação. Por exemplo, ao se unirem as palavras **água e ardente**, obtém-se a palavra **aguardente**, com o desaparecimento do **a**. O mesmo ocorre com **embora** (em boa hora) e **planalto** (plano alto).

Entretanto, uma estruturada diferenciação se estabelece entre as palavras exemplificadas acima e aquelas formadas pelo fenômeno de mesclagem. A composição apresenta a linearidade como característica central dos elementos formadores, isto é, a segunda palavra começa onde é finalizada a primeira – como podemos observar em (2) –, mesmo quando há processos de aglutinação fônica – conforme nos exemplos de (3).

Vejamos agora alguns representantes do processo de mesclagem:

(4) Reiberto Carlos (Rei + Roberto Carlos)

(5) A **Boiola** das Loucas (Boiola + A Gaiola das Loucas)

(6) Mamila Peitanga (Mamilo + Camila / Peito + Pitanga)

(7) Capitão Fancho (Capitão Gancho + Fancho)

Como vemos, tal processo é marcado pela não-linearidade construcional, de modo que ocorre uma interseção de bases, e não um encadeamento. Nenhuma das bases é inteiramente preservada, de modo que há perdas de material fônico que não se justificam por processos fonológicos segmentais, o que confirma, por si só, a não-justaposição *ipsis literis* das bases utilizadas na fusão.

Assumindo que as bases que participam na formação dos *blends* possuem estruturas morfológicas livres ou, no mínimo, potencialmente livres, é perfeitamente possível entendê-las como palavras morfológicas (GONÇALVES, 2003, 2006). No processo de fusão, as palavras a serem combinadas, inicialmente, vistas sob aparente simplicidade constitucional, quando mescladas, assumem, por excelência, o caráter complexo de uma palavra morfológica de estrutura singular, cujo significado será apreendido apenas da fusão das palavras, as quais isoladamente não compartilharão o mesmo sentido apreendido da formação cruzada.

No que tange a esses aspectos semânticos do *blend* lexical, podemos ressaltar a contribuição do modelo dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994). Partindo de uma

análise dos fenômenos da linguagem através de um modelo cognitivo, tal teoria entra em desconhecimento com a lingüística formalista da época. Como lembra Miranda (1999:82),

nesse enquadre, o modelo alinha-se com uma perspectiva integradora da cognição que, confrontando-se com as teorias modularistas da mente, considera a organização cognitiva como um conjunto integrado de sistemas dentre os quais estão a linguagem e a estrutura sócio-cultural. Em outros termos, postula-se a **linguagem como instrumento cognitivo**.

A partir dessa premissa é que poderemos criar uma classificação realmente funcional do *blend* lexical, de modo que a mesclagem será ponderada como um processo cognitivo que opera tanto estrutural como semântica e pragmaticamente em contextos particulares da situação histórica e da interação verbal. Nos termos postos por Miranda (1999), a mesclagem age sobre dois espaços mentais, ou domínios-fonte, tomados como *inputs* para a formação de um terceiro espaço: o espaço-mescla. Deve-se acrescentar que a projeção parcial dos *inputs*, que se dá em um espaço genérico, refletor das significações mais abstratas das palavras-input, implica, após a fusão, em não apenas um espaço-mescla detentor de carga semântica significativa, como em uma rede funcional que correlaciona contexto situacional e formação estrutural. Sobre esse aspecto, observemos alguns exemplos:

(8) Bundeirinha nua (Bunda + Bandeirinha Nua)

(9) Maquiador é profissão de macho: “Depois de maquiarmos a **Bundchen**, eu vou maquiarmos os **peitchen!**” (Bunda + Bündchen/ Peito + Bündchen)

Em (8), é somente em consonância com o campo pragmático que o *blend* formado será devidamente apreendido, de modo que o escopo humorístico apenas agirá sobre o leitor/receptor, caso este disponha do conhecimento do contexto situacional que, neste episódio, diz respeito à bandeirinha Ana Paula, que posou nua em uma revista masculina. De maneira semelhante, em (9), a interação verbal é relevante, uma vez que “Bundchen” só é percebido como um *blend* (e não como um desvio ortográfico), a partir do momento em que se opõe a “peitchen”. Em ambos, como explicita Miranda, ocorre as mesclas dos espaços mentais: o *input 1*, “bunda”, une-se, em cada caso, aos *inputs 2*, representados pela bandeirinha em (8), e pela modelo em (9), criando uma carga semântica significativa.

Não somente por esses motivos, esse enquadre dos Espaços Mentais é ainda relevante nos estudos sobre o *blend* por ser a partir dele que se é possível estabelecer a diferenciação do cruzamento vocabular de um dos processos de formação de palavras aparentemente mais próximos das construções combinadas por *blend*: a criação analógica. Ambos os processos visam a formar uma nova palavra na língua a partir da combinação de bases já existentes. Entretanto, enquanto na criação analógica há substituições sublexicais nas quais apenas uma

base é tomada como *input* (como, por exemplo, em “Gorda Gil” – Gorda + Preta Gil: o *input* é a forma nominal Preta, que, reanalisada como um adjetivo, leva a inclusão da seqüência “gorda” substituindo a seqüência “preta”); no *blend* há cruzamentos lexicais nos quais duas palavras-base agirão como *input* na formação de uma terceira (como, por exemplo, em “Chuparis Hilton”: tanto “chupar” quanto “Paris Hilton” são tomados como *input* na formação do espaço-mescla, designando seu significado em razão dos vídeos divulgados na internet nos quais a socialite aparece praticando sexo oral).

Outra visão que em muito corrobora para a análise do processo de mesclagem na formação de novas construções é a fomentada pela Teoria da Correspondência (McCARTHY & PRINCE, 1995; BENUA, 1995). Assim como a Teoria dos Espaços Mentais, essa teoria pressupõe a combinação de palavras como resultado de uma mescla geradora de uma correspondência de uma forma para muitos sentidos, entretanto, o modelo proposto por McCarthy & Prince e Benua vai mais além ao considerar a mescla como resultado não só de uma correspondência entre forma e sentido, mas também entre uma correspondência pura entre as formas, condicionada pelo grau de semelhança entre elas. Nesse sentido, é no que se concerne à estruturação formal das construções mescladas que o modelo da Correspondência atinge seu expoente máximo, porque permite um estudo mais avançado da complexa rede morfológico-estrutural em que concorrem as configurações mais ou menos facilmente recuperáveis na construção do *blend*. Tomemos como exemplo “os cinco legumes mais *sexys*” eleitos pelo programa *Casseta & Planeta*, em 2007:

(10) 1º lugar – Reinaldo Mandioquini (Mandioca + Gianecchini)

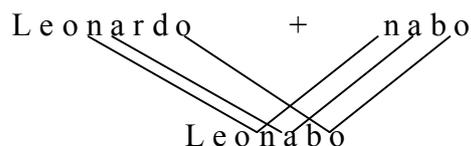
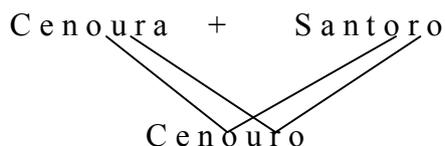
(11) 2º lugar – Pimentom Cruise (Pimentão + Tom)

(12) 3º lugar – Quiábio Assunção (Quiabo + Fábio)

(13) 4º lugar – Rodrigo Cenouro (Cenoura + Santoro)

(14) 5º lugar – Leonabo di Caprio (Leonardo + Nabo)

Nota-se que “Rodrigo Cenouro”, dentre os exemplos citados, é o que menos possibilita a retomada das bases. Isso ocorre devido à menor semelhança fônica entre os *inputs* e à menor correspondência entre as formas se comparado aos outros exemplos. Devemos ressaltar, no entanto, que há duas possibilidades de pronúncia para o sobrenome Santoro, com o primeiro *o* aberto ou fechado, de modo que o segundo caso acarreta uma maior semelhança fônica entre as bases formadoras do *blend*. Para melhor visualizarmos as correspondências entre as formas presentes nos cruzamentos, seguem os esquemas configuracionais de (13) e (14), suficientes para deixar clara a menor identidade entre as formas em “Rodrigo Cenouro”:



No que diz respeito ao caráter fonológico, é bastante válida a contribuição da Morfologia Prosódica (McCARTHY, 1981), que, ao considerar o *blend* como elemento de ocorrência mais propícia a situações de interação verbal de menor formalidade, fornece um modelo que permite a determinação do ponto mais adequado em que uma das bases deve ser quebrada para dar início à segunda, possibilitando-nos rastrear as configurações mais facilmente retomáveis nas construções cruzadas. Além disso, como salienta Gonçalves (2006:10), “condições prosódicas devem ser satisfeitas no molde das Mesclas, de modo que o processo não é arbitrário, mas regido sobretudo pela semelhança fônica entre as bases”. Essa hipótese confirma-se através dos resultados encontrados em nossa pesquisa. Verificamos a ocorrência de dois casos de *blend*: construções formadas por semelhança fônica, e construções dessemelhantes do ponto de vista segmental, sendo que o primeiro caso é, sem dúvida alguma, mais recorrente. Observemos a construção abaixo:

(15) Vaticano lança o novo **Carolla** (Carola + Corolla)

Nesse caso, a semelhança fônica entre os léxicos determina a interseção e a posição das bases no interior da mescla. Assim, o ponto de quebra é determinado pela sílaba comum – no caso, *ro* – que, como ponto de interseção, separa as porções de cada base utilizada no cruzamento. Do mesmo modo, as construções dessemelhantes do ponto de vista segmental não terão seu ponto de quebra determinado aleatoriamente, porém, a quebra deverá ser feita a partir de um melhor rastreamento (maior grau de identidade) das palavras-matrizes, como feito no exemplo abaixo:

(16) Ronaldo **Fofômeno** (Fofô + Fenômeno)

No exemplo, as palavras não apresentam qualquer segmento em comum no que tange à estruturação silábica. Nesse caso, a quebra é feita na segunda sílaba de “Fenômeno”, transmitindo sua tônica à criação cruzada. Assim, este *blend* mostra uma maior facilidade de recuperação das palavras que serviram como *input*, o que não ocorreria em, por exemplo, “fofenômeno” e “fofonômeno”, consideradas formações mais opacas.

Os procedimentos analíticos da Morfologia Prosódica são de grande relevância para nosso estudo, pois permitem, como vimos, a descrição de processos não-concatenativos de modo bastante natural, explicitando que eles não constituem, de fato, “morfologia pura”, mas,

como destaca Gonçalves (2006), se integram em uma interface “Morfologia-Prosódia”, contribuindo, assim, para uma descrição mais completa do fenômeno de mesclagem.

Sob essa integração morfo-fonológica, que reforça a integração conceptual, erige-se um dos fatores principais a se considerar no tratamento do *blend*, o valor de iconicidade, ou, em outros termos, o valor expressivo dos cruzamentos vocabulares. Nesse sentido, as contribuições de Basílio (2003), parecem apresentar maior precisão no limiar expressivo da intencionalidade inerente ao caráter humorfológico³ próprio das construções mescladas, de modo que, considerar o *blend* sob esse aspecto possibilita a apreensão de elementos simultaneamente necessários para alcançar o efeito expressivo desejado, admitindo-se que o contexto situacional exerce importante função na captura das intenções subjacentes às criações cruzadas.

Criticando aspectos políticos, sociais e culturais, o “Casseta & Planeta” se utiliza de *blends* lexicais, gerando um efeito humorístico, como nos seguintes exemplos:

(17) Renan Canalheiros (Canalha + Renan Calheiros)

(18) Prejuízo Mercadante (Prejuízo + Aloízio Mercadante)

(19) Birutney Sperms (Biruta + Britney / Esperma + Spears)

O efeito expressivo é alcançado a partir do conhecimento do contexto situacional, deixando claras as intenções do interlocutor: em (18) e (19), denunciar esquemas de corrupção no governo, e em (20), evidenciar o caráter de desequilíbrio e “libidinagem” da cantora americana. É importante ressaltar, ainda, que o fator humorfológico gerado por essas construções não diz respeito somente ao efeito cômico em si, mas a quaisquer designações que objetivem acentuar os matizes das mesclas, tidas como fonte de múltiplas interpretações.

3. Considerações finais

Embasando-se na discussão dos pressupostos apresentados acima, verifica-se que a nomenclatura tradicional é especialmente deficiente no que diz respeito às classificações dos processos de formação de palavras, de modo que a única preocupação que encontramos na GT é a de classificar esses processos de modo que nenhuma construção vocabular fique isolada. Isso faz, como resalta Perini (2002), com que se percam generalizações importantes, como as que discutimos no presente artigo. Todos os aspectos estruturais e conceptuais do *blend*

³ O caráter humorfológico, tomado de empréstimo das abordagens de Basílio (2003), diz respeito à função discursiva da morfologia de evocar humor. No caso das construções mescladas, percebemos que este caráter pode ser evidenciado na medida em que orientam o falante ao riso, uma vez que tais construções aproveitam-se do novo sentido atribuído à palavra formada na caracterização ou rotulação de seres, eventos ou estados, para provocar humor.

lexical permitem, como vimos, uma sistematização que refuta as conservadoras idéias de que as construções aqui examinadas são imprevisíveis, não-suscetíveis de formalização, ou mesmo processos marginais de formação de palavras. Decerto, este é apenas o início de teorizações que podem contribuir nos estudos dos casos formativos de palavras em português, mas é a partir daí que poderemos criar um delineamento teórico-crítico realmente funcional da Morfologia Portuguesa, que leve em conta toda sua complexidade e diversidade.

Referências Bibliográficas

BASÍLIO, Margarida. **Cruzamentos vocabulares**: o fator humorfológico. Apresentação de trabalho. Congresso. XII Congresso da ASSEL-RIO. Rio de Janeiro, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Blends* lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e 2, p.149-167, 2003.

GONÇALVES, C. A. **Usos morfológicos**: os processos marginais de formação de palavras em português. 2006. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/docentes/72520-1.pdf>> Acesso em: 05 de junho de 2008.

MIRANDA, Neusa Salim. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 81-95, 1999.

NICOLA, José de. **Gramática da palavra, da frase, do texto**. São Paulo: Scipione, 2005.

PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do português**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2002.